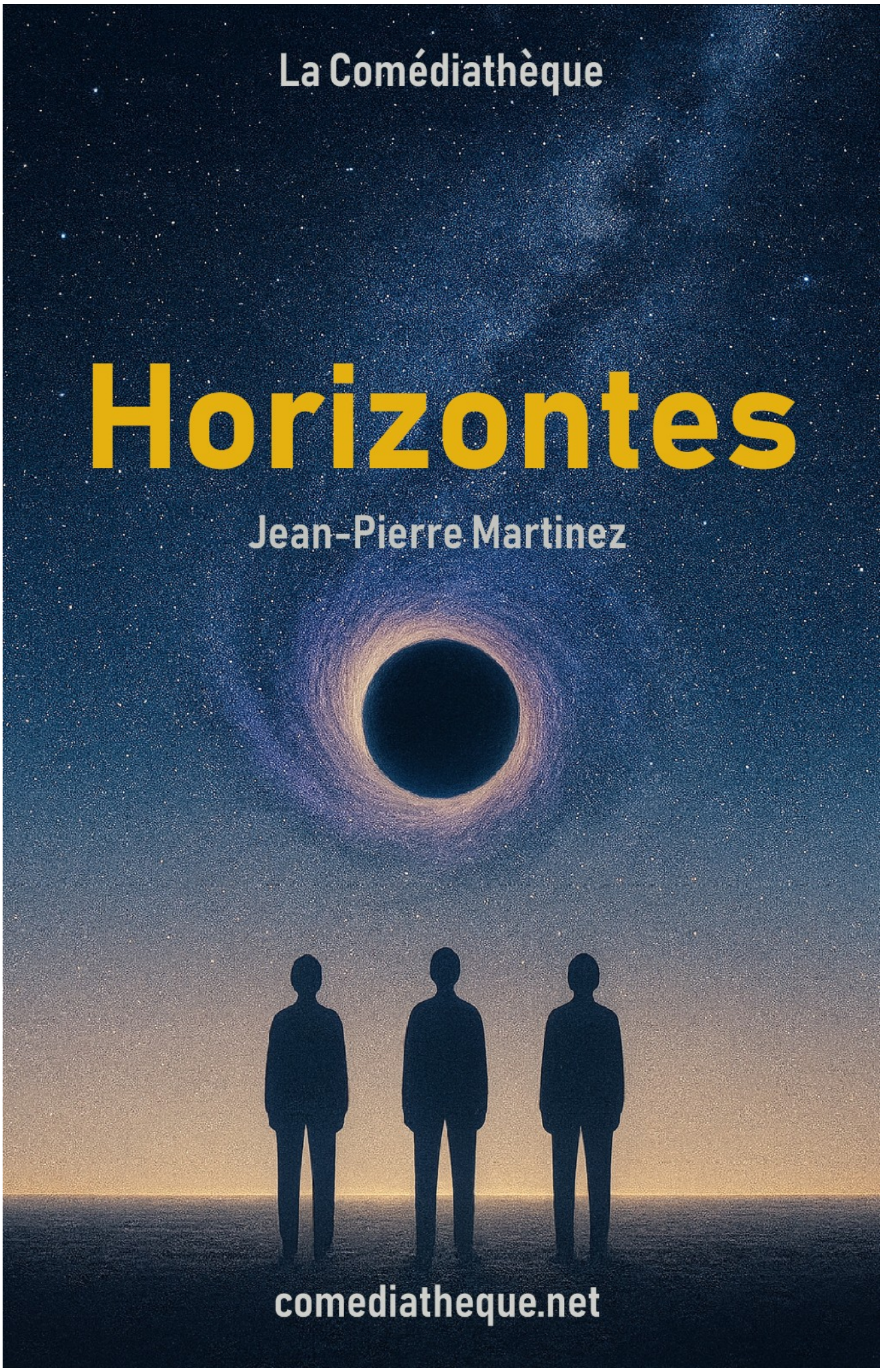

La Comédiathèque
Horizontes
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

Horizontes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa terra de ninguém que lembra o purgatório, três personagens que perderam a memória fitam o horizonte à procura de respostas para as suas perguntas existenciais. Mas de que horizonte se trata, afinal? Uma tragicomédia que cruza ciência e filosofia para refletir sobre o ciclo eterno da vida e da morte.

Personagens

Ben

Dom

Max

As personagens podem ser interpretadas por homens ou por mulheres; distribuições possíveis: 3H, 3M, 2H/1M ou 1H/2M.

© La Comédiathèque

Cena 1

Três personagens que podem ser interpretadas por homens ou mulheres (nesta versão, três homens) estão voltadas para o público num palco vazio, banhado por uma luz irreal. Chamam-se Max, Dom e Ben. Ao centro, Dom tem as mãos e os pés atados. Os três olham em frente, para o fundo da sala, como se contemplassem o horizonte.

Max – Veem alguma coisa?

Dom – Não.

Ben – Não se vê rigorosamente nada.

Dom – Bom, uma coisa vê-se... O horizonte.

Max – Sim. Mas para lá do horizonte...

Dom – Para lá do horizonte não se vê nada. É essa a definição de horizonte, não é?

Ben – O que está para lá do horizonte não se vê. É assim mesmo.

Max – Por causa da curvatura da Terra.

Ben – É a prova de que a Terra é redonda. E não plana.

Dom – Quem é que disse que a Terra era plana?

Ben – Não faço ideia...

Max – Diz-se com cada disparate...

Ben – E há sempre uns quantos idiotas dispostos a acreditar neles.

Dom – E, no meio deles, há sempre um idiota um bocadinho menos idiota do que os outros, que transforma esses disparates numa religião e se proclama rei dos idiotas por direito divino.

Ben – Não sei se a inteligência artificial tem limites, mas a estupidez natural é absolutamente ilimitada.

Max – Pois... Se a estupidez gerasse eletricidade, há muito que tínhamos deixado de precisar dos combustíveis fósseis.

Ben – Tínhamos resolvido o aquecimento global e não estávamos nesta situação...

Uma pausa.

Ben – Mas se a Terra fosse mesmo plana, conseguiríamos ver até ao infinito?

Max – Em teoria, sim. Num dia de céu limpo...

Dom – Céu limpo... Há países onde já nem se consegue ver o sol por detrás do fumo das fábricas.

Max – Mesmo assim, só veríamos aquilo cuja luz conseguisse chegar até nós.

Uma pausa.

Dom – Está bem. Mas estamos de acordo em que a Terra é redonda, certo?

Ben – Sim. Tanto quanto se sabe...

Dom – Portanto, não conseguimos ver o que está para lá do horizonte.

Max – E quem está do outro lado também não nos vê...

Dom – O que está para lá do horizonte não é da nossa conta.

Uma pausa.

Ben – E se atravessarmos o horizonte...? Acabamos por chegar ao outro lado?

Dom – Pois não...

Ben – Como assim, não?

Max – Porque o horizonte se afasta à medida que nos aproximamos dele.

Ben – Ah, pois...

Dom – E com quem está do outro lado passa-se o mesmo.

Max – Suponho que sim... Nunca fui espreitar o outro lado do horizonte. Pelo menos, não me lembro de o ter feito...

Ben – O outro lado do horizonte... É um pouco como o além. Não conheço ninguém que tenha voltado de lá para nos dizer se se está melhor.

Dom – Ou sequer se há alguma coisa do outro lado.

Max – Na verdade, o horizonte não existe. É uma ilusão de ótica: a fronteira móvel entre o visível e o invisível.

Ben – Portanto, o horizonte desloca-se connosco.

Max – Como o feixe dos faróis de um carro. Vemos sempre uns cem metros à frente, mas, à medida que o carro avança, já não vemos a mesma paisagem.

Dom – Pois... Mas nós estamos aqui plantados. O nosso horizonte não deve mudar muito.

Uma pausa.

Ben – E a que distância fica o horizonte?

Max – Depende...

Ben – De quê?

Max – Para começar, da altura de quem observa. E, sobretudo, da altura do ponto de observação. Para uma criança a olhar para o mar, na praia, o horizonte fica a uns quatro quilómetros. Para um adulto no cimo do Himalaia... ou para os passageiros de um avião a dez mil metros de altitude, pode ficar a quatrocentos quilómetros.

Uma pausa.

Dom – Então, se houvesse alguém do outro lado, nas mesmas condições, veria o mesmo horizonte que nós?

Max – Sim. Nós seríamos o horizonte deles e eles o nosso.

Ben – Ou seja, somos sempre o horizonte de alguém.

Dom – Desde que haja alguém a olhar na nossa direção...

Uma pausa.

Max – Muito bem. Estamos aqui, deste lado do horizonte, os três, mas...

Ben – Que raio estamos nós a fazer aqui...?

Dom – Estava com receio de vos perguntar...

Ben – Não sei. E vocês?

Dom – Eu também não.

Max – Não me lembro.

Ben – Será que um dia soubemos e entretanto nos esquecemos? Ou...

Dom – Ou será que nunca soubemos?

Ben – Quem sabe...

Dom – Às vezes tenho a vaga impressão de me lembrar de qualquer coisa...

Max – Sim, eu também.

Ben – Como quando acordamos e tentamos recordar o sonho que estávamos a ter.

Dom – Ainda nos parece que estamos a sonhar.

Ben – Só que já nem sabemos o que estávamos a sonhar.

Max – Como se ainda estivéssemos conscientes de uma realidade que acabou de desaparecer e da qual já não guardamos recordação.

Ben – Exatamente. Esquecemo-nos de tudo... menos de que nos esquecemos de alguma coisa.

Dom – O contrário daquela sensação de déjà vu.

Max – Ah, sim?

Dom – No déjà vu, aquilo que vemos está mesmo à nossa frente e perguntamo-nos se já o vivemos. Num sonho esquecido é ao contrário: sabemos que houve qualquer coisa de que gostaríamos de nos lembrar, mas não sabemos o quê.

Max – É isso... Também me sinto assim.

Uma pausa.

Dom – Às vezes tenho uma espécie de flash...

Ben – Um flash?

Dom – Acho que estava num avião.

Max – Num avião? Tens a certeza?

Dom – Ou num paquete... Já não sei.

Ben – Não é bem a mesma coisa.

Max – Não deixam de ser transportes coletivos.

Ben – Um paquete? Não é propriamente um transporte coletivo, pois não?

Max – Talvez fosse um ferry...

Dom – Não sei porquê, mas lembro-me de usar um cinto de segurança.

Ben – Num navio não se usa cinto de segurança...

Dom – Então talvez fosse um comboio.

Max – E nos comboios usa-se cinto de segurança?

Dom – Devia ser um avião. Estava a olhar para o horizonte, que se aproximava.

Max – Que se aproximava...?

Dom – Eu sei que parece absurdo, mas... Tinha medo de que o avião se despenhasse contra a linha do horizonte.

Max – Sim... É completamente parvo.

Ben – Talvez fosse um sonho.

Dom – Mais um pesadelo, não?

Ben – Ou talvez estejamos a sonhar agora.

Max – Os sonhos têm sempre um significado escondido.

Ben – Um avião a despenhar-se contra a linha do horizonte... O que poderá querer dizer?

Dom – Não sei, era como se...

Max – Como se, empurrado pelo nosso passado, o presente fosse embater num futuro que já não se afastaria à medida que nos aproximássemos.

Dom – Pois...

Uma pausa.

Ben – Mas nós também estávamos nesse avião?

Dom – Não faço ideia...

Ben – Um avião... Não me lembro.

Max – Eu também não...

Uma pausa. Voltam a olhar para o horizonte.

Ben – E se a morte fosse isto?

Max – Ou os primeiros instantes da vida...

Dom – Ter consciência de existir sem saber quem somos, num mundo que não faz sentido nenhum.

Max – Parece que a existência precede mesmo a essência...

Dom – E, mesmo quando ficamos sem gasolina, a existência continua.

Ben – Pois... Sinto-me como se estivesse num carro velho, sem gasolina, a meio da noite, perdido no deserto, com os faróis acesos, a espreitar o horizonte à espera de ver aparecer alguém com um jerricã em cada mão.

Dom – Enquanto esperamos que a bateria descarregue e os faróis se apaguem de vez... antes de o Salvador chegar.

Uma pausa.

Max – Mas nós...? Os três... Conhecemo-nos, afinal?

Ben – Acho que não... Ou conhecemo-nos?

Dom – Tenho uma vaga sensação de déjà vu, mas...

Max – A tua cara não me diz nada.

Ben – A mim também não.

Max – Na verdade, até a minha própria cara me é estranha...

Ben – Mas, afinal, como te chamas?

Max – Não sei... Não me chamo. Para quê? Estou sempre aqui...

Dom – Está bem... E os outros, como é que te chamam?

Max – Os outros? Que outros? Só vos conheço a vocês. E nem sei bem se vos conheço. E a vocês, como vos chamam?

Ben – Não sei... Nunca ouvi ninguém chamar-me.

Dom – Eu também não. Ou então não ouvi. Pelo menos, nunca respondi...

Max – Muito bem. Portanto, nem sequer temos nome.

Ben – Para que havíamos de chamar-nos, se já cá estamos?

Max – E, de qualquer forma, não podemos ir a lado nenhum.

Dom – Sobretudo eu...

Max – Tu?

Dom – Não repararam em nada?

Max – Não.

Dom – Estou amarrado!

Max – É verdade... Ele está amarrado...

Ben – Ah, sim, eu... Nem tinha reparado.

Dom – E então...?

Max – Então o quê?

Dom – Agora que já fizemos as apresentações... Não se importam de me desamarrar? Se não der muito trabalho...

Max – Sim, sim, claro, vamos... Vamos desamarrar-te...

Max prepara-se para o desamarrar.

Ben – Espera, não tão depressa...

Dom – O que é que foi agora?

Ben – Para começar, porque é que te amarraram?

Dom – E eu sei lá...? Também não me lembro de nada, como vocês...

Ben – Pois, mas...

Dom – Mas o quê?

Ben – Isso é muito cómodo...

Dom – Cómodo...?

Max – Se te amarraram, deve ter havido um motivo, não?

Dom – Um motivo...? Que motivo?

Ben – Não sei... Ninguém amarra uma pessoa assim, sem motivo.

Dom – Mas desamarrem-me, porra!

Max – Se calhar és perigoso...

Dom – Perigoso para quem?

Max – Para os outros...

Ben – Quer dizer, para nós...

Dom – Pois... Ou então os perigosos são vocês.

Ben – Nós?

Dom – Se calhar foram vocês que me amarraram.

Ben – E por que raio faríamos uma coisa dessas?

Dom – Sei lá... Talvez me tenham raptado para pedir um resgate... ou para outra coisa qualquer.

Max – Sim, também é possível...

Ben – Mas também podes ser um louco perigoso. Ou até um criminoso reincidente.

Max – Na dúvida, por enquanto é melhor ficares amarrado...

Ben – Concordo. É mais seguro.

Dom – Estão a gozar comigo?

Ben – Talvez alguma coisa nos venha à memória mais tarde. Depois logo se vê.

Dom – De quê? Por exemplo?

Max – De alguma recordação... Não sei.

Ben – Talvez apareça alguma coisa... ou alguém... no horizonte.

Max – Embora, de momento, tenhamos de admitir que por lá está tudo muito calmo...

Ben – Pois... A calmaria antes da tempestade, ou talvez...

Dom – A calmaria antes de uma calmaria ainda maior.

Escuridão.

Cena 2

Luz.

Max – Porra...! Também acabei de ter um flash...

Dom – Ora, só faltava esta...

Ben – E então?

Max – Estava ao volante de um carro...

Dom – De um carro? Tens a certeza?

Max – Não...

Ben – Tinhas o cinto de segurança posto?

Max – Não... Acho que não...

Dom – Então não devia ser um carro.

Ben – Talvez fosse um avião...

Dom – Ao volante de um avião?

Max – Eu disse «ao volante», mas... talvez estivesse «aos comandos». Isso mesmo, estava a pilotar um avião...

Dom – E depois?

Max – Corria tudo bem e, de repente... acenderam-se todas as luzes do painel de instrumentos ao mesmo tempo. Uma verdadeira árvore de Natal, como dizemos na gíria dos pilotos...

Ben – Árvore de Natal...?

Max – Quando todas as luzes de aviso começam a piscar... e já cheira a pinho.

Dom – Detesto o Natal. É suposto celebrar um nascimento, ou seja, a vida. Mas a mim faz-me pensar na morte. A vocês não?

Max – Em muitas filosofias orientais, a vida e a morte fazem parte de um ciclo sem fim. Morremos para renascer, de outra forma, mas sempre neste mundo. É sobretudo no pensamento ocidental que a morte é vista como uma partida definitiva para um além hipotético. E, para quem não acredita no paraíso, como um fim absoluto...

Dom – Talvez seja por isso que o Natal cheira a morte... Até os caixões se fazem de pinho. E o menino divino já é um cadáver em potência.

Ben – Muito bem, estavas a pilotar um avião. E depois?

Max – Nada... Não me lembro de mais nada...

Ben – Se eras tu o piloto, se calhar a culpa do acidente foi tua...

Dom – Então vocês também estavam nesse avião?

Ben – Não me lembro. Pelo menos, ainda não...

Max – Acham que o avião se despenhou?

Ben – Explicava muita coisa...

Dom – Achas?

Max – Por exemplo, explicava estarmos mortos.

Ben – Achas que estamos mortos?

Max – Enquanto formos capazes de perguntar se estamos mortos, é porque ainda não estamos... não é?

Uma pausa.

Ben – Não estão a ouvir uma espécie de ruído?

Dom – Um ruído?

Ben – Parece água a correr, numa nascente.

Max – Exatamente. Aquele som tranquilo de uma nascente no meio do campo.

Ben – Ou o som do oxigénio num hospital, a passar sob pressão pelo humidificador antes de ser inalado.

Max – Sim... Também pode ser...

Ben – Faz praticamente o mesmo barulho.

Dom – Então podemos estar num hospital?

Max – Em coma...?

Dom – Ou com Alzheimer em fase terminal...

Ben – Sim, é uma possibilidade bastante séria...

Max – Talvez te tenham amarrado para te proteger de ti próprio.

Dom – De mim próprio?

Ben – Para não caíres, ou...

Max – Para não tentares fugir...

Ben – Ou para não fazeres mal a ti próprio.

Max – Mais uma razão para não o desamarrarmos...

Dom – Obrigadinho... São muito atenciosos, a preocuparem-se assim com a minha segurança.

Ben – Mas e nós...? Porque é que não estamos amarrados?

Max – Talvez não estejamos tão mal como ele.

Dom – Então estamos os três no mesmo quarto?

Ben – Três pessoas num quarto de hospital? Não é gente a mais?

Dom – Devíamos ter um seguro de saúde muito fraquinho...

Uma pausa.

Ben – Talvez tenhamos vindo simplesmente visitá-lo ao hospital.

Max – Sim... Fazer-lhe companhia nos últimos momentos.

Ben – Despedir-nos dele antes da última viagem para o além.

Dom *(irónico)* – Obrigado, estou mesmo comovido...

Ben – Mas então porque é que nós também não nos lembramos de nada?

Dom – Nada disto se aguenta de pé.

Max – Pois não... E nós próprios mal nos aguentamos em pé.

Uma pausa.

Ben – Oxigénio...

Max – Nos aviões também caem máscaras de oxigénio do teto quando há uma emergência.

Ben – Sim, pelo menos é o que dizem os assistentes de bordo. Mas nunca ninguém viu uma máscara cair do teto de um avião.

Max – Ou então quem viu já não está cá para contar...

Dom – Uma emergência... Estás a falar do risco de despenhamento?

Ben – Isso não explica porque é que nós não levávamos os cintos de segurança apertados...

Max *(para Dom)* – E tens mesmo a certeza de que aquilo era um cinto de segurança...?

Dom – Que outra coisa podia ser?

Max – Sei lá... Um cinto de explosivos...?

Dom – Um cinto de explosivos...?

Ben – Isso explicava a queda do avião.

Max – E, se fores um terrorista perigoso, isso explicaria que te tivessem amarrado.

Dom – Antes ou depois de eu me fazer explodir...?

Ben – Já agora, por que razão havia alguém de se fazer explodir num avião?

Max – Quem sabe...

Dom – Talvez para protestar contra a pegada de carbono desastrosa da aviação... *(Os outros dois olham-no, horrorizados.)* Estou a brincar...

Uma pausa.

Max – Disseste há pouco que tinhas medo de que o avião se despenhasse contra a linha

do horizonte.

Dom – Sim... Deve ter sido uma metáfora...

Max – E se não fosse?

Ben – O que queres dizer?

Max – Talvez o tenham amarrado... para que não desaparecesse no horizonte de acontecimentos.

Dom – Horizonte de acontecimentos...?

Max – É um conceito de astrofísica fascinante. O horizonte de acontecimentos é o limite de um buraco negro. A fronteira a partir da qual, se nos aproximarmos demasiado, o buraco negro absorve tudo. A matéria de uma estrela inteira, por exemplo... e até a sua luz.

Dom – E para onde vai essa matéria?

Max – Ninguém sabe... O que é certo é que, quando se entra num buraco na memória...

Ben – Queres dizer... num buraco negro.

Max – Não foi isso que eu disse?

Dom – Disseste «buraco na memória».

Max – Ah, foi...? Não me lembro...

Ben – Muito bem... E depois?

Max – O que é certo é que nada do que entra num buraco negro volta a sair.

Ben – Pelo menos deste lado do horizonte de acontecimentos.

Max – Sim...

Ben – Talvez saia do outro lado.

Max – Talvez... Se existir outro lado.

Ben – Tem de existir, não? Se nada se perde nem se cria, há de haver qualquer coisa no fim do túnel.

Dom – Portanto, um buraco negro é um bocado como a morte.

Ben – É verdade que se costuma falar da morte como de um túnel.

Dom – Não percebo porquê. Nunca ninguém voltou desse suposto túnel para nos descrever a entrada... e muito menos a saída.

Ben – Mais uma maneira de falar...

Max – Pois... Não sabemos para onde vai esse túnel, nem sequer se existe. Mas sabemos que ninguém sai pelo mesmo lado por onde entrou.

Ben – Talvez te tenham amarrado para não seres sugado para esse túnel.

Max – Ou para esse buraco negro, se preferires.

Dom – O quê...?

Ben – Disseste que estavas num avião, preso ao assento pelo cinto de segurança...

Max – Talvez para não seres sugado para o vazio se o avião perdesse a pressão.

Dom – Nesse caso, é melhor desamarrarem-me. Porque, sinceramente... isto não é vida, pois não?

Ben – Sempre é melhor do que nada.

Dom – Achas? Passamos o tempo a repetir as mesmas frases sem sentido.

Ben – Esquecemo-nos de quase tudo, menos de que há coisas de que nos devíamos lembrar.

Dom – Prefiro ser sugado para o vazio de uma vez por todas. E, se tudo recomeçar do outro lado do túnel, igualzinho, pelo menos não me lembrarei de nada e voltarei a descobrir o prazer da surpresa.

Ben – Bem vistas as coisas, ele tem alguma razão... Na melhor das hipóteses, estamos entre a vida e a morte. Não podemos ficar assim para sempre. Mais vale acabar com isto e esperar que depois da morte haja outra vida. O que temos a perder?

Max – A possibilidade de a vida que nos espera ser ainda pior do que aquela que vamos deixar...

Ben – Vamos desamarrá-lo.

Desamarram-no.

Dom – Obrigado.

Ben – E agora?

Dom – O quê?

Ben – Não aconteceu rigorosamente nada.

Max – Pois não. O vazio não te sugou. Nem a nós.

Ben – A morte não nos levou.

Dom – E ainda aqui estamos.

Ben – Ou então já estamos os três mortos e já passámos para o outro lado...

Max – Infelizmente, também é uma hipótese bastante séria...

Ben – Acho que também me estou a lembrar de qualquer coisa...

Dom – Ah, sim?

Max – Não estás a dizer isso só para nos animar, pois não?

Ben – Esperem... Não... Já me saiu da cabeça...

Uma pausa.

Dom – Continua a não aparecer nada no horizonte.

Ben – Nem uma pessoa com um jerricã, nem sequer com um bidãozinho de gasolina.

Dom – Para que é que nos serviria?

Ben – Nem temos carro.

Max – Se isto é o horizonte de acontecimentos, nunca mais virá nada deste lado.

Dom – Nesse caso, ainda vamos ficar aqui a apanhar seca uma eternidade... *(Os outros olham-no, ofendidos.)* Desculpem, mas vocês os dois não são propriamente uns cómicos.

Ben – É verdade que nos falta um pouco de perspetiva...

Dom – Pois... O nosso horizonte está bastante fechado.

Max – Dizem que o tempo abranda à medida que nos aproximamos de um buraco negro.

Dom – Então já caímos lá dentro. Tenho a sensação de que o tempo parou...

Uma pausa.

Max – Sabiam que, para lá de um certo limite, o universo se afasta de nós tão depressa que a luz dele nunca nos conseguirá alcançar?

Dom – Lá vem ele outra vez...

Ben – Então a maior parte do nosso universo será para sempre inacessível e desconhecida?

Dom – És astrofísico?

Max – Acho que não. Devo ter lido isso algures.

Ben – Que leituras estranhas...

Max – Desse horizonte, pelo menos, nunca conseguiremos passar para o outro lado.

Ben – E quem estiver lá para além também nunca poderá ver-nos.

Dom – É a versão científica do além, portanto.

Max – Sim...

Ben – Mas ninguém garante que vamos para lá depois de morrermos.

Dom – Quem sabe...

Max – Sabiam que uma mesma partícula pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, dependendo de quem a observa primeiro?

Ben – Como a verdade, mais ou menos...

Dom – Como assim?

Max – Já não me lembro de quem disse: «Verdade deste lado dos Pirenéus, mentira para lá deles.»

Dom – O pior das citações é quando já nem nos lembramos de quem estamos a citar.

Ben – A realidade é a mesma para todos, mas, conforme quem a observa, pode parecer uma verdade aqui e uma ilusão noutro lugar.

Dom – Vocês estão mesmo a dar-me cabo da cabeça.

Uma pausa.

Max – Porque é que me lembro do que é o horizonte de acontecimentos, mas não me lembro do meu próprio nome?

Ben – Talvez, quando nos aproximamos da morte, só nos lembremos das coisas importantes.

Dom – E o nosso nome não é importante?

Max – O nosso nome... é como um número que nos atribuem ao nascer. Um número de identificação, ou...

Ben – O número do quarto de um hotel.

Max – O número do quarto só serve para nos darem o pequeno-almoço de manhã.

Ben – É o pequeno-almoço que nos obriga a decorar o número do quarto.

Dom – E é esse número que nos ajuda a encontrar o quarto onde vamos dormir à noite.

Max – Quando partimos de vez, entregamos a chave na receção e esquecemos o número...

Dom – Para nos voltarmos a misturar na multidão dos transportes públicos.

Ben – À espera de encontrar outro quarto, noutro hotel.

Dom – Ou outra casa, noutro bairro.

Ben – Noutro planeta...

Max – Com outro número.

Ben – E vizinhos que nos digam quem somos e como nos chamamos.

Max – É verdade. Desde que nascemos, são sobretudo os outros que decidem a nossa identidade. O nosso estado civil.

Ben – Como as partículas de que falavas. É quem nos observa que acaba por definir a maneira como existimos.

Dom – Sobretudo os pais. A família.

Ben – São eles que decidem quem somos.

Dom – Como nos chamamos.

Ben – Onde vivemos.

Dom – Que língua falamos.

Max – Que religião seguimos.

Ben – Para sabermos quem somos, só temos de perguntar aos outros.

Dom – Aos que nos conhecem, pelo menos.

Max – E mesmo depois de nos esquecermos de quem somos e de como nos chamamos, há sempre alguém que não se esqueceu e que no-lo pode dizer.

Ben – Mesmo quando perdemos a memória.

Max – Mesmo quando estamos em coma.

Ben – Mesmo depois de morrermos.

Dom – Até morrer a última pessoa que nos conheceu.

Max – Sim. Em grande parte, somos aquilo que os outros decidem que somos.

Ben – E quase não sabemos mais sobre nós do que os outros sabem.

Max – Às vezes, sabemos ainda menos.

Ben – «Torna-te quem és»... Pois sim! Mais vale dizer «torna-te aquilo que os outros esperam que sejas».

Dom – Um bom paroquiano.

Ben – Um bom cidadão.

Max – Um bom soldadinho.

Ben – Quem foi que disse «Eu é um outro»?

Dom – Já não me lembro. Mas mais valia ter ficado calado.

Ben – Seja como for, nascemos, morremos...

Max – E depois da morte... voltamos a misturar-nos na multidão.

Dom – Quando partimos, não levamos nada connosco. Muito menos a recordação de termos existido.

Max – E quando regressamos à vida, apresentamo-nos outra vez na receção, para nos darem um novo número...

Ben – Um novo eu...

Escuridão.

Cena 3

Luz.

Max – Que horas serão...?

Ben – Não faço ideia...

Dom – E que interessa? Têm algum comboio para apanhar?

Ben – Um avião, talvez...

Max – É verdade. Se já estamos mortos, para que queremos relógios?

Dom – Aliás, nunca conheci ninguém que tivesse pedido para ser enterrado com o relógio.

Uma pausa.

Ben – Desta vez lembrei-me!

Dom – De quê?

Ben – Do número do meu quarto!

Dom – Porra...

Ben – Era o 2108.

Dom – Ah, sim...?

Ben – Vejo-me a chegar ao bufete do pequeno-almoço de um hotel de aeroporto e a anunciar, todo orgulhoso, ao porteiro, um autêntico Cérbero, à entrada: «Quarto 2108.»

Dom – Orgulhoso?

Ben – Lembro-me porque nasci a 21 de agosto. Portanto, 21/08.

Max – Ah, pois...

Dom – Então lembraste da data do teu nascimento.

Ben – Não, lembro-me é de que o número do quarto era igual à minha data de nascimento. 2108...

Max – E o ano?

Ben – Isso já não sei... O número só tinha quatro algarismos.

Dom – Mas isso não nos diz se estavas no avião connosco.

Ben – Acho que estava, sim.

Dom – Não estás a dizer isso só para nos levantar a moral, pois não...?

Ben – É que, se o avião caiu mesmo...

Max – O que te faz pensar que estavas lá?

Ben – Lembro-me do número do meu lugar.

Dom – Realmente, tens memória para números...

Ben – Lembro-me porque era o 666.

Max – Pensava que as companhias aéreas nunca atribuíam o número 666 a nenhum lugar.

Ben – Pelos vistos, não é uma regra absoluta. Até pedi à assistente de bordo para mudar de lugar.

Dom – Mudar de lugar num avião para afastar o azar é um bocado como mudar de espreguiçadeira no Titanic para evitar o naufrágio...

Max – De qualquer modo, o lugar 666 não te deu muita sorte.

Dom – Até se pode dizer que nos deste azar a todos...

Uma pausa.

Ben – Já não oiço o oxigénio...

Max – Talvez não haja oxigénio suficiente para toda a gente.

Ben – Na Terra, queres dizer?

Max – Ou neste hospital...

Dom – Se calhar estamos a melhorar e já não precisamos dele.

Max – Ou se calhar morremos e já não precisamos dele.

Uma pausa.

Ben – Há pouco falaste do Himalaia...

Max – Falei?

Ben – Quando explicavas a distância até ao horizonte.

Dom – E então?

Ben – Não sei... Também me veio uma imagem à cabeça. Nós os três, ligados pela mesma corda, no teto do mundo.

Dom – No teto do mundo?

Max – Acho que é assim que chamam ao Himalaia.

Ben – Não vos diz nada?

Dom – Não... Nem por isso.

Ben – A oito mil metros de altitude, o oxigénio rareia.

Max – E isso pode provocar alucinações...

Dom – Então agora estamos no cimo do Himalaia, é isso?

Max – Também explicaria a corda...

Ben – A corda?

Max – Se estivéssemos encordados com ele...

Ben – Já percebi... Talvez ele tenha caído e nós tenhamos cortado a corda que nos ligava a ele, para não cairmos também no abismo...

Dom – Obrigadinho... Uns grandes companheiros, vocês...

Max – Então ele seria o único dos três que está realmente morto?

Ben – A menos que, apesar de tudo, nos tenha arrastado com ele na queda...

Uma pausa.

Ben – Como é que sabemos que estamos mortos?

Dom – Não sabemos.

Max – Estar morto é como ser parvo. Não damos por isso. Quem sofre são os outros.

Dom – Parece-me que já ouvi essa frase de merda.

Ben – A mim também...

Dom – É esse o nosso destino. Repetirmos eternamente as mesmas parvoíces dos nossos contemporâneos.

Ben – Ou as que os nossos antepassados já repetiam antes de nós.

Max – Cada um de nós julga ser um indivíduo único. Mas o que é que temos de verdadeiramente individual?

Ben – Criticamos a inteligência artificial, mas nem a estupidez natural é propriamente nossa. Herdámo-la de todos os idiotas que vieram antes de nós... e dos que nos rodeiam.

Uma pausa.

Ben – Portanto, se já morremos, em breve vão dar-nos outro número de quarto.

Dom – De um quarto da morgue, queres dizer?

Ben – Estava mais a pensar numa nova identidade. Numa nova existência...

Dom – Uma página em branco, para escrever outra história.

Max – Consciência sem memória.

Ben – Como um computador quântico a que apagaram os dados todos, para o recondicionar antes de o despachar a outra pessoa.

Max – Veremos.

Dom – Sim, mas quando?

Ben – Quando nos tivermos esquecido de tudo, suponho. Quando estivermos completamente mortos.

Dom – Completamente mortos...? Ou estamos mortos ou estamos vivos, não é?

Max – Podemos estar as duas coisas ao mesmo tempo. Como o gato de Schrödinger.

Ben – Estás a falar daqueles gatos que têm sete vidas?

Max – Estou a falar do enigma científico e filosófico da física quântica: enquanto ninguém abrir a caixa, o gato que está lá dentro pode estar vivo e morto ao mesmo tempo.

Dom – Não percebi nada... Tirando que tu também já começaste a repetir-te.

Ben – Como dizias há pouco, são os outros que definem quem somos. Não passamos de partículas elementares de uma consciência coletiva.

Max – E se um dia deixasse de haver outros?

Dom – Deixasse de haver outros...?

Ben – Quando o Sol engolir a Terra, daqui a cinco mil milhões de anos, e a humanidade desaparecer.

Dom – Ou muito antes, quando a humanidade conseguir tornar inabitável o único planeta onde pode viver.

Ben – Aí não será a morte de uma pessoa ou de mil milhões. Será a morte da humanidade. Da consciência coletiva.

Max – E se, como acreditam alguns imbecis, formos os únicos seres inteligentes do universo, será o fim da consciência, ponto final.

Dom – Custa-me imaginar que essa consciência não venha a renascer algures, sob outra forma.

Uma pausa.

Ben – Agora lembro-me... Não era um avião. Era uma nave espacial.

Max – Eu era o capitão.

Ben – E eu o teu imediato.

Dom – Só estávamos os três a bordo.

Ben – Os três últimos sobreviventes de uma humanidade agonizante.

Max – Tínhamos traçado rota para um planeta potencialmente habitável...

Dom – Mas que afinal era um buraco negro.

Ben – Um erro de cálculo do computador de bordo, certamente.

Max – A não ser que o tivesse feito de propósito.

Dom – De propósito?

Max – Uma inteligência artificial decidida a livrar-se de vez do que restava da humanidade.

Ben – Seja como for, quando acordámos da longa hibernação, já era tarde para escapar à atração daquele buraco negro supermassivo.

Max – Então estamos prestes a ser engolidos por esse buraco negro...

Uma pausa.

Dom – Mas continua a haver um mistério...

Ben – Qual?

Dom – Porque tinhas o lugar 666 se só havia três pessoas a bordo?

Max – Tens razão... O mistério adensa-se...

Dom – Estávamos num quarto de hospital, prestes a morrer? No cimo do Everest, prestes a cair num abismo...?

Ben – Agarrados a uma jangada prestes a afundar-se, numa travessia em busca de um mundo melhor...?

Max – Num avião prestes a despenhar-se ou numa nave espacial prestes a ser sugada por um buraco negro?

Ben – É uma coisa ou outra?

Dom – Ou tudo ao mesmo tempo.

Max – Está tudo misturado nas nossas cabeças.

Dom – Como a água suja de um lavatório, no remoinho que a arrasta para o esgoto antes da grande reciclagem.

Ben – Os nossos passados.

Dom – Os nossos presentes.

Max – Os nossos futuros.

Ben – Já não sabemos.

Dom – Não sabemos.

Max – Ainda não sabemos.

Escuridão.

Cena 4

Luz.

Dom – Tenho a impressão de que o horizonte se aproximou ainda mais...

Ben – Quando chegar até nós, passamos para o outro lado.

Dom – Se é que existe outro lado...

Ben – É uma maneira de dizer...

Max – Pois... Essas maneiras de dizer que nos servem de pensamento pré-fabricado.

Dom – A linguagem é uma janela aberta para o mundo. Mas também é uma grade que nos encerra na única realidade que os nossos sentidos conseguem perceber, que a nossa mente consegue conceber e que a nossa linguagem consegue descrever.

Ben – Então tínhamos de inventar outra língua...?

Dom – Ou então fechamos a matraca. É ainda mais simples. De onde vem esta necessidade de falar para não dizer nada?

Ben – Os animais ficam-se pelas necessidades básicas. Tenho fome. Apetece-me foder.

Dom – De que vale saber alguma coisa se, no fim, nunca saberemos tudo?

Max – Mas depois de começarmos a falar, ainda conseguimos parar?

Ben – Enquanto falamos, é porque ainda estamos vivos.

Max – Então continuemos a falar...

Ben – Até ao dia em que as nossas palavras deixem de ter sentido.

Dom – Até ao dia em que tudo o que dissermos seja apenas uma citação de qualquer coisa que outros já disseram.

Max – E tudo o que fizermos seja apenas uma comemoração do que outros fizeram antes de nós.

Ben – Receio que esse dia já tenha chegado.

Dom – Pois eu não digo mais nada. Nem vos volto a ouvir. Agora que já não estou atado, vou caminhar até àquele horizonte, seja ele qual for...

Ben – Então nunca mais nos vemos? É pena... Estava a começar a sentir-me ligado a ti...

Dom – A sério?

Ben – Não. Acho que foi só mais uma maneira de dizer.

Max – Talvez nos reencontremos do outro lado. Mas entretanto teremos esquecido tudo.

Ben – E não nos vamos reconhecer.

Dom – Todos os laços que nos ligavam aos outros se terão desfeito.

Max – Teremos de voltar a criar laços. Para tentarmos existir outra vez. Noutra humanidade.

Ben – Na melhor das hipóteses, se voltarmos a encontrar-nos, teremos uma estranha sensação de déjà vu...

Dom – Então não digo adeus...

Dom prepara-se para avançar para a frente do palco.

Ben – Espera! Vou contigo...

Dom não parece muito entusiasmado.

Dom – Tens a certeza...?

Max – Eu também... Não vou ficar aqui sozinho, feito parvo.

Pegam nas cordas que prendiam Dom e atam-se uns aos outros, como alpinistas da mesma cordada.

Dom – Então está tudo dito.

Ben – É o fim da História.

Max – Desta história, pelo menos...

Dom – Caminhemos juntos na direção daquele horizonte luminoso.

Ben – Em cordada... e de mãos dadas. Para este grande salto para o desconhecido.

Dom – Na esperança de que o horizonte dê acesso a um mundo novo.

Ben – Um mundo melhor.

Max – A menos que seja exatamente o mesmo mundo.

Ben – Talvez o nosso universo não passe de uma velha meia que viramos do avesso vezes sem conta.

Max – A cada volta, o lado de dentro passa a ser o de fora. Mas é sempre a mesma meia.

Dom – Pelo menos, teremos esquecido tudo.

Ben – E poderemos voltar a surpreender-nos por estarmos vivos.

Avançam para o público, olhando em frente, como se fossem saltar para a plateia. Mas Dom detém-se e os outros param com ele.

Dom – Vão rir-se, mas desta vez acho mesmo que estou a ver qualquer coisa a aproximar-se no horizonte.

Ben – Sim, eu também.

Dom – Ou melhor... alguém.

Max – Um velho barbudo com um molho de chaves?

Dom – Um barbudo, sim. Com um jerricã em cada mão...

Os três fixam o horizonte.

Ben – Então é isto, afinal? Não era uma metáfora...

Max – Ficámos apeados no meio do nada, e um de nós foi buscar gasolina...

Ben – Bem me parecia que, ao princípio, éramos quatro.

Max – No deserto também há miragens...

Ben – E uma insolação pode provocar delírios...

Dom – Então talvez seja só mais uma alucinação...?

Max – Seja como for, parece que ainda há acontecimentos no horizonte...

Ben – Então, o que fazemos?

Max – Ainda nos resta a existência.

Dom – Vamos ver o que acontece com um pouco de gasolina.

A luz começa a diminuir lentamente.

Ben – Ah... Parece que a bateria também está a chegar ao fim.

Max – Pois... Os faróis estão a apagar-se.

Dom – Que pena... Nunca vamos ver chegar o nosso Salvador.

Max – Não percamos a esperança.

Ben – Tens razão... Só a fé salva...

Dom – Outra frase feita...

Ben – Pois...

Música adequada à situação (eventualmente música sacra) durante o escurecimento gradual. Escuridão.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-382-8

Documento para download gratuito